



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ENTRE ACHADOS E PERDIDOS, UM CONVITE À GRAÇA (LUCAS 15.1-32)

Between lost and found, an invitation to the grace (Luke 15.1-32)

Vera R. B. Schmegel da Costa¹

RESUMO

O artigo, através do método de pesquisa bibliográfica, propõe-se a considerar a expressão da graça no capítulo 15 de Lucas, no qual, em um contexto bem definido, Jesus apresenta três parábolas comumente conhecidas como as parábolas dos perdidos. Em cada um dos desfechos, uma festa é promovida e entre perdidos e achados, existe um convite à graça, que provoca distintas reações naqueles que se encontram distantes dela.

Palavras-chave: Graça. Jesus. Parábola. Lucas 15.

ABSTRACT

The article, through the bibliographical research method, it is proposed to consider the expression of grace in chapter 15 of Luke, in which, in a well-defined context, Jesus presents three parables commonly known as the parables of the lost. In each of the outcomes, a party is promoted and between lost and found, there is an invitation to grace that causes different reactions in those who are distant from it.

Keywords: Grace. Jesus. Parable. Luke 15.

INTRODUÇÃO

A palavra graça faz referência a outras que estão essencialmente ligadas e por vezes apresentam-se intercambiadas e suas principais ocorrências.

¹ A autora é graduada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e mestranda em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: veraschmegel@yahoo.com.br

Para Stringer, **חֵן** (*hēn*) é a palavra hebraica para favor, graça, significando a ação de alguém superior para com um inferior; não pode ser utilizado para com Deus, pois não existe a possibilidade de lhe fazer um favor.² *Hēn* aparece 69 vezes no AT, ocorrendo em 43 vezes dessas, a expressão “achar favor aos olhos de”, recaindo a atenção no receptor do favor e não em quem o concedeu.

חַנּוּן (*hannûn*), que significa “gracioso”, aparece 11 vezes com *rahûm*, significando “misericordioso”, assim também é traduzido na LXX, descrevendo a graça de Deus em seus atos, onde é revelada também a sua justiça. O termo sempre ocorre em referência a Deus (Êx 22.27; 34.6; 2 Cr 30.9; Ne 9.17, 31; Sl 86.15; Jl 2.13; Jn 4.2). Já *hinnâ*, o termo para súplica, quando carrega a ideia de misericórdia, refere-se a uma oração em que se pede graça.

No AT, **חֶסֶד** (*hesed*) se traduz muitas vezes como bondade, longanimidade e outras tantas como misericórdia. *Hesed* de Deus implica graça (Lm 3.22) enquanto *hesed* dos homens (Os 6.6) remete-se a um amor, um acordo de fidelidade para com o outro ou para com Deus.³

A graça não é uma coisa, mas significa essencialmente: Deus mesmo, em sua boa disposição em relação aos homens. A graça divina não se separa de Deus, mas é uma relação pessoal que Deus estabelece entre si mesmo e os homens: Ele os encara com favor e com bondade (Sl 31.7; 33.22; 42.9; 90.17; Nm 6.24ss; 2 Sm 7.15).⁴

No NT, **χάρις** (*charis*) a palavra grega para graça, pode significar “aquilo que dá ou proporciona prazer ou produz consideração favorável”, sendo aplicada a atitudes e ações humanas (Lc 2.40; 2Co 8.6; Lc 4.22; Cl 4.6) daqueles que têm experimentado da graça em seus efeitos práticos, como bênçãos aqui na terra (2Co 9.8) e capacitação para o exercício do ministério (Rm 1.5; 12.6; 15.15; 1 Co 3.10; Gl 2.9; Ef 3.2,7). O termo também remete à disposição graciosa de quem pratica o ato de benevolência (At 7.10), principalmente remetendo-se ao favor de Deus (At 14.26), enfatizando o seu caráter espontâneo, evidenciado na misericórdia livremente estendida ao devedor (Rm 4.4,16), contrastando com as obras (Rm 11.6) e a lei (Jo 1.17).⁵

Carregadas de significado, as palavras que indicam graça apenas proporcionam um vislumbre da beleza e riqueza desse tratamento dispensado ao ser humano, não permitindo espaço para qualquer tipo de ostentação de méritos próprios. Diante de graça, só cabe o reconhecimento do derramar da bondade e generosidade de Deus.

1. A GRAÇA EM JESUS

Carregada de valor em suas significações e derivações, “graça” é essencialmente Deus em sua disposição condescendente para com aqueles em quem não há nenhum mérito. O

² STRINGER, J. H. Graça In: DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 561.

³ STRINGER, In: DOUGLAS, 2006, p. 681.

⁴ BAUDRAZ, F. Graça In: ALLMEN, J. J. V. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001, p. 214.

⁵ VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 680.

termo “graça” tem sua expressão máxima na pessoa de Jesus. A palavra remete a Ele, mesmo que nunca tenha sido por Ele usada. A graça lhe era inerente. Vivía-a e assim ensinava-a.

Esse ensino se dava desprovido do conceito de dádiva não merecida, no entanto os seus ensinamentos, bem como suas ações, como um todo, tinham como centro a condescendência de Deus para com os desgraçados, os fracos, os sem esperança e perdidos (Mt 11.5,28). O tema do perdão de uma dívida impagável (Mt 18.21-34), o perdão que traz novidade de vida (Lc 13.6-8; 7.36-50; 19.9-10) e do galardão no reino de Deus (Mt 20.1-6) são ênfases do seu ministério.⁶

Notória em Jesus é sua proximidade com os pecadores, atraindo para si os que comumente eram repelidos: “Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se dele para o ouvir. Mas os fariseus e os escribas o criticavam, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles” (Lc 15.1-2). Este aspecto do ministério de Jesus é frisado na introdução do capítulo 15 do evangelho de Lucas e sua disposição para com estes considerados párias da sociedade, os publicanos e demais reputados “pecadores”, suscitando forte oposição por parte dos líderes religiosos. As parábolas que seguem expressam a razão pela qual Jesus recebia os pecadores e como a graça ultrapassava todos os entraves e como os pecadores têm grande valor diante de Deus, uma ideia desagradável aos fariseus embora o valor do arrependimento constasse em seus registros rabínicos.⁷

Os escribas e fariseus interpretavam a associação de Jesus com os homens e mulheres catalogados como pecadores como altamente ofensiva, estando esses classificados como aqueles que não guardavam a lei, chamados gente da terra, com os quais relações deveriam ser evitadas. Jesus os scandalizou ao extremo, relacionando-se com estes a serem evitados e cujo contato corrompia.⁸

Nesse contexto bem definido, onde judeus estritos afirmavam que “há no céu alegria quando um pecador é destruído diante de Deus” e não que “há quando um pecador se arrepende”⁹, sem expectativa de que fosse exercida algum tipo de misericórdia para com esses, Jesus discorre expondo três parábolas contundentes.

2. A TRILOGIA DOS PERDIDOS

O Mestre dedicou amplo espaço em suas parábolas ao tema. Em Lucas 15, considerado um dos capítulos mais conhecidos e queridos¹⁰, três cenários são apresentados com aspectos diferentes: a parábola da ovelha perdida, a parábola da moeda perdida e a parábola do filho

⁶ HARRIS, L. R. Graça. In: HARRIS, L. R. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 910.

⁷ CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002, vol. 2, p. 149.

⁸ BARCLAY, W. **Comentario al Nuevo Testamento**. Barcelona: Clie, 2006, p. 337.

⁹ BARCLAY, 2006, p. 337-338.

¹⁰ BARCLAY, 2006, p. 337.

perdido. Pode ser resumida em três palavras a mensagem desse capítulo: perdido, encontrado e alegria¹¹ ou, conforme Karin Wondracek, “a graça de ser achado”.¹²

No primeiro cenário, por falta de senso de direção, a ovelha encontrava-se em tal condição. Sua tendência de se perder requeria um pastor (Is 53.6; 1Pe 2.25), este que é apresentado como um modelo de auto sacrifício, provido de senso de responsabilidade para com suas ovelhas. As noventa e nove ficam suspensas e não há informação acerca de seu retorno à aldeia¹³, recaindo o foco no esforço empreendido para resgatar apenas uma, o que demonstra o seu valor. Esta, ao ser encontrada, alegra-se, o que se comprova pela Palavra e por experiência dos que já estiveram desencaminhados.¹⁴

O pastor irrompe em alegria e chama a outros a que celebrem com ele. Assim como a ovelha recuperada constituía-se motivo de grande alegria para a comunidade, deveria a recuperação de um pecador suscitar uma festa e não murmurações (v.2).¹⁵ Na aplicação, quando um pecador se arrepende, retornando para a segurança do lar, a alegria é elevada a muitas vezes mais, estendendo-se até os céus.¹⁶ “*Digo-vos que no céu haverá mais alegria por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento*” (v.10).

Acontece a mudança de cenário para a parábola da moeda perdida, que pode ser considerada dupla¹⁷ da parábola da ovelha perdida ou sua gêmea.¹⁸ Uma mulher tinha dez moedas e perde uma, por descuido ou acidentalmente. As moedas podiam representar a poupança de uma mulher pobre ou ainda compor um quadro romântico que na época era naturalmente compreendido pelas meninas e mulheres da Palestina. Tratava-se do símbolo de uma mulher casada e era como que um diadema, composto de dez moedas de prata, fruto de poupança de longo tempo, equivalente ao anel de bodas.¹⁹

Independentemente do que fosse, a perda representava grande prejuízo para uma mulher pobre. O drama intensifica-se ainda pela dificuldade de encontrar a moeda em uma casa escura, sem ou com janela minúscula, sendo necessário o uso de uma candeia em sua busca, mesmo de dia.²⁰ Ela obtém êxito em sua busca e numa explosão de alegria convida: “*Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu havia perdido*” (v.9) e Jesus faz a amarração dizendo: “*Eu vos digo que assim há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende*” (v.10).

¹¹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Santo André: Geográfica, 2006, v.1, p. 302.

¹² WONDRAECK, Karin H. K. **Caminhos da graça**: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 26.

¹³ BAILEY, K. **As parábolas de Lucas**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 200.

¹⁴ WIERSBE, 2006, p. 304.

¹⁵ BAILEY, 1995, p. 200.

¹⁶ MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 224.

¹⁷ BAILEY, 1995, p. 205.

¹⁸ MORRIS, 1996, p. 225.

¹⁹ BARCLAY, 2006, p. 338.

²⁰ MORRIS, 1996, p. 225.

Em seu contexto original, a mensagem de um Deus que procura os perdidos soava, no mínimo, como ofensa aos escribas e fariseus, os quais não concebiam um Deus assim. Fritz Rienecker afirma ter feito Jesus uso de uma “santa ironia”, confrontando os fariseus com o seu ensino de que nos céus há grande alegria com a conversão de um pecador, enquanto isso lhes é motivo de reclamação.²¹ A alegria dos céus deveria ser compartilhada aqui na terra, assim como o foi no desfecho de ambas as tramas, onde o que estava perdido foi encontrado.

Na sequência, quem está perdido é um filho (11-32). Sendo amplamente conhecida como a história de um filho pródigo (esbanjador), tem sua ênfase não no pecado deste, e sim no Pai amoroso e em sua benevolência, sendo Deus o herói e não o filho.²² Ressalta-se que essa parábola, que encontra tanta receptividade por conta da mensagem da disposição amorosa de Deus para com os pecadores, não diz respeito à totalidade do evangelho, e sim, à realidade do seu amor pelos pecadores.²³

A história apresenta um pai e dois filhos. O caçula requer a parte que lhe cabe da herança, antes mesmo que houvesse qualquer indício de que sua morte pudesse estar próxima. Seu pedido trazia forte significância de total indiferença para com o pai, como se estivesse a dizer que ele poderia morrer, e simplesmente não se importava. Requereu os seus direitos e a posse imediata destes.²⁴

Diante desse quadro da inusitada postura do filho, a reação do Pai é ainda mais surpreendente. Bailey, em suas peregrinações em terras árabes, procurou investigar a implicação de um filho pedir a herança enquanto o pai estava vivo. Recebeu respostas indicando que se tratava de algo inconcebível, e, em acontecendo, o pai naturalmente reagiria com muita indignação.²⁵

A trama prossegue: “Poucos dias depois, o filho mais moço, juntando todas as suas coisas, partiu para um país distante e lá desperdiçou todos os seus bens, vivendo de modo irresponsável” (v.13). O próximo episódio já podia ser previsto. Os recursos se esvaíram e, agravando a situação, o país entrou em crise. Diante da necessidade e sem muita opção de escolha, o jovem se achou na incumbência de cuidar de porcos, considerado um trabalho amaldiçoado na lei rabínica,²⁶ estando privado até mesmo de condições mínimas de alimentação.

O filho, desiludido, *cai em si* (v.17-19). Reconhece sua condição de miséria e muda de ideia acerca de si mesmo, o que, por si só, não seria suficiente. Teria de partir para o campo da ação, o que fez: levantou-se e foi (v.20), o que não necessariamente sinaliza arrependimento e compreensão do amor de seu pai,²⁷ que pode ser uma impressão primeira.

²¹ RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2005, p. 322.

²² BARCLAY, 2006, p. 339.

²³ MORRIS, 1996, p. 225.

²⁴ BAILEY, 1995, p. 211.

²⁵ BAILEY, 1995, p. 212.

²⁶ MORRIS, 1996, p. 227.

²⁷ KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: A. D. Santos, 2014, p.129.

Notório é o plano de execução do filho. Sua argumentação consistia em se apresentar como um empregado. Bailey discorre acerca questionando o suposto arrependimento do filho, afirmando ter sido o seu retorno motivado por sua falência. A confissão do filho “pequei contra o céu e diante de ti” teria se dado por conta de ter perdido tudo e de ter privado seu pai de cuidados em sua velhice. Ressalta-se sua candidatura a empregado assalariado, o que denota intenção de assumir uma posição que lhe desse possibilidade de restituir o que perdera. Não há reconhecimento da necessidade de graça, nem tampouco a deseja.²⁸

O filho move-se, seguindo o seu roteiro, mas algo inusitado aconteceu. *“Estando ainda longe, o seu pai o viu e cheio de compaixão, correu para o seu filho, e o abraçou e beijou”* (v.21). O filho, com pretensão de dizer ao pai o que deveria fazer, agora perde o controle, que supunha ter, do episódio.

3. A FESTA PROMOVIDA PELO PAI

O pai, que por tanto tempo estivera a esperar pelo retorno do filho, avista-o com seu “olhar aguçado do amor” e, de forma extravagante, corre em direção ao seu filho, o que não cabia, no Oriente, a um homem de idade. Faz isso sem reservas, como se o relacionamento nunca tivesse sido manchado. Estranhamente, o filho ao invés de dar, recebe o abraço do pai. Não se ouviram naquele instante repreensões e acusações dos lábios do pai. O amor silencia e, ao mesmo tempo, fala tão alto.²⁹

Além da demonstração de amor do pai, outra questão estava presente: a recepção potencialmente hostil por parte da aldeia dada a forma com que a havia deixado, tendo insultado seu pai e perdido tudo. Havia elaborado um plano para consertar a situação com o pai, mas não com a aldeia, que teria que ser enfrentada. O pai, conhecedor dessa realidade, move-se nessa cena de modo a proteger seu filho da aldeia e restaurá-lo ao convívio, o que Bailey afirma ser uma sucessão de atos dramáticos.³⁰

O pai recebe o filho de volta na condição de filho. O seu status de filho não foi alterado, o que é próprio da essência de Deus e sua natureza amorosa.³¹ O pai está no controle: “Mas o pai disse aos servos: Trazei depressa a melhor roupa e vesti-o; pondo-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trouxe também o melhor bezerro e matai-o; comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; havia se perdido e foi achado. E começaram a se alegrar” (v. 22-24).

Paradoxalmente, ele encontra no seu lar o que havia percorrido longas distâncias para encontrar. Desfrutava agora de uma alegre festa, roupas, joias, e, sobretudo, do amor e segurança do pai. Tendo conhecido a miséria em terra distante, experimenta em seu retorno a misericórdia,³² declaradamente, um derramamento de graça.³³ O plano de apresentação

²⁸ BAILEY, 1995, p. 224-226.

²⁹ RIENECKER, 2005, p. 325.

³⁰ BAILEY, 1995, p. 227-229.

³¹ WONDRAČEK, 2006, p. 31.

³² WIERSBE, 2006, p. 306.

³³ KUNZ, 2014, p. 132.

como servo e compensar as perdas é frustrado e vencido pela graça, é feito filho. A cena apresenta uma nova compreensão de arrependimento, na aceitação da graça e confissão de indignidade.³⁴

4. REAÇÕES AO CONVITE

4.1. Do filho mais velho

O filho mais velho entra em cena. Sua reação contrasta grandemente com a alegria do pai com o retorno de seu irmão: “Mas ele se indignou e não quis entrar. Então o pai saiu e insistiu com ele. Ele, porém, respondeu ao Pai: Há tantos anos te sirvo, e nunca desobedeci a uma ordem tua; mesmo assim nunca me deste um cabrito para eu me alegrar com meus amigos; chegando, porém, este teu filho, que desprezou os teus bens com prostitutas, mataste para ele o melhor bezerro” (v.28-29). Não considerava justo dividir os bens com alguém que havia desperdiçado tudo e nem tão pouco compartilhar do amor do pai com alguém que havia optado por viver irresponsavelmente. A chegada do irmão lhe representava uma ameaça.

O filho mais velho tinha consciência da sua própria retidão. Estava completamente justo aos seus próprios olhos. Via-se sempre como o filho-padrão. Mas seu uso do verbo *douleuō*, “servir como escravo”, o desmascara. Nunca realmente entendera o que significa ser um filho.³⁵

O convite à festa foi estendido a todos os que compunham a casa, mas houve recusa diante do convite à alegre festa promovida pelo pai. Jesus ilustra o egoísmo dos fariseus com a figura do irmão mais velho. “Nesta passagem deparamo-nos com uma das páginas mais palpáveis do evangelho acerca da oposição sem amor e da maldade humana”.³⁶

Kenneth Bailey, em sua análise das parábolas de Lucas, vai além dessa identificação dos fariseus com o filho mais velho e dos publicanos com o mais novo. Sustenta a discussão ser acerca de dois tipos de homens:

Um é ilegal, sem a lei, e outro ilegal dentro da lei. Ambos são rebeldes. Ambos partem o coração do pai. Ambos acabam em um país distante: um fisicamente, outro, espiritualmente. O mesmo amor inesperado é demonstrado em humilhação, a ambos. Para ambos este amor é essencial, para que os servos se tornem filhos.³⁷

O capítulo tem por característica desfechos marcados pela alegria, o pastor, a mulher, o filho, os amigos e o pai, com exceção do irmão mais velho que se privou de desfrutar da alegria. Em suas racionalizações e autojustificações recusou-se a participar da alegria que o próprio Deus conhece, de encontrar aquilo que estava perdido.

Na descontinuidade da narrativa não se informa se o irmão mais velho passou ou não a corresponder ao amor do pai, nem tampouco como o irmão mais novo passou a viver em

³⁴ BAILEY, 1995, p. 234.

³⁵ MORRIS, 1996, p. 229.

³⁶ RIENECKER, 2005, p. 326.

³⁷ BAILEY, 1995, p. 248.

correspondência a este. Na omissão desses detalhes, ambos lançam um desafio aos seus ouvintes. Como o filho mais novo, os que foram por ele acolhidos devem responder de modo apropriado a este amor. Já com o segundo, percebe-se que facilmente uma postura de superioridade é adotada para com os que não se encaixam em seus padrões. O fato de Jesus não ter mostrado o estado final do irmão mais velho pode ser encorajador. Existe a possibilidade de fazer o que é certo. “O amor de Deus é um desafio contínuo ao nosso egoísmo”.³⁸

O convite havia sido feito, a porta permanecia aberta e a festa promovida pelo pai está acontecendo. Ainda existe a possibilidade de entrar na festa e entrar no ritmo da graça.

4.2 Dos fariseus e escribas

Cada uma das três parábolas provocou nos fariseus visíveis reações de indignação perante a alegria pelo que foi reencontrado. “O júbilo dos publicanos agraciados, e depois a alegria de Deus, de Jesus e dos anjos explicitam o mais intenso contraste com a mentalidade dos adversários.”³⁹

Comumente o filho mais velho é deixado de fora da parábola sob a justificativa de que esta última parte não integra a parábola original, o que não se comprova. Ao contrário, além do filho mais velho estar presente desde o início (v.11-12), aponta-se como um dos propósitos principais o contraste das reações do pai e do filho mais velho perante o filho pródigo. Jesus mostra o Deus que recebe pecadores, mas no contexto, ressalta que aqueles que não os recebe aquele a quem Deus recebe, estão em dissonância com a vontade dEle. A parábola comunica a “publicanos e pecadores” e também aos “fariseus e escribas”.⁴⁰

Essa parábola contém alto teor de provocação, onde os publicanos e pecadores são retratados no filho mais novo e os fariseus e escribas no filho mais velho. Ambos grupos perdidos, um fora de casa e outro dentro. Contrariando muitas exposições, Jesus enfatiza na parábola o filho mais velho, pois eram os representados por esse que recusavam-se aceitá-lo.⁴¹

Toda a religiosidade desse grupo estava alicerçada nas boas obras. Jejuavam, estudavam, oravam, ofertavam, esmerando-se para receber bênçãos e salvação. Desconheciam ou tinham um conhecimento escasso acerca da graça de Deus. Faziam muitas coisas, mas as que omitiam os alienavam de Deus. “Quando viram Jesus receber e perdoar pessoas irreligiosas, se encheram de indignação e, pior ainda, não foram capazes de ver que eles próprios precisavam de um salvador.”⁴²

A característica essencial da graça divina é que ela só pode ser vivenciada por aqueles que têm consciência de que são pecadores. Só quem reconhece que está perdido pode ser encontrado. Só o meu lado doente e errado pode ser transformado. Esse é um dos paradoxos do evangelho: todos foram

³⁸ MORRIS, 1996, p. 230.

³⁹ RIENECKER, 2005, p. 326.

⁴⁰ MORRIS, 1996, p. 225.

⁴¹ KUNZ, 2014, p. 139.

⁴² WIERSBE, 2006, p. 307.

destituídos da glória [perderam a glória] para poderem ser encontrados pela graça.⁴³

O filho mais velho, os fariseus e escribas encontravam-se na mesma condição, embora não admitissem, do filho mais novo. Igualmente perdidos e carentes do favor de Deus. A diferença reside nas reações à oferta gratuita, pois a graça precisa ser recebida. O filho mais novo despojou-se de si, a fim de dar espaço para a graça. A recebeu e permitiu sua performance.

A graça do Deus que se aproxima dos homens é expressa no evento essencial que o Novo Testamento apresenta. Em Cristo se dá a vinda de Deus a terra e a graça lhe é inerente. Ele é a própria graça, que nele está e que ele dá. Sua encarnação tem como consequência a graça e verdade (Jo 1.14), a fim de que o homem seja resgatado das trevas. A plenitude de Deus é demonstrada na inesgotável capacidade de dar de Jesus. A concepção de graça e verdade do A.T. e do judaísmo foram ofuscadas diante dele. “Aquilo que os sucede não é uma religião ainda suscetível de ser ultrapassada, mas o dom, a comunicação perfeita e definitiva de Deus em seu único filho.” Graça genuína.⁴⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notória em Jesus é a proximidade com pecadores, contrastando fortemente com a realidade em que o tipo de pessoa a quem o mestre dedicou considerável parte do seu ministério é repelida. Constata-se na igreja de Cristo um distanciamento que reside na falta de identificação com Jesus, cheio de graça e verdade, que a viveu e ensinou, sendo sua própria personificação, espaço no qual, por vezes, a não-graça tem se apresentado.

No AT, a graça libertadora e redentora de Deus se revelou na escolha do povo de Israel como canal de bênção. A graça sempre consistiu em um privilégio do receptor, mas ao mesmo tempo implica uma resposta a Deus na prática do amor para com os outros povos. No NT, essa graça se manifesta plenamente em Jesus, sendo a igreja por Ele eleita e constituída, “portadora de bênçãos, de consolo, de alento para esse povo, mas também anúncio da salvação a toda a humanidade.” Estendido o convite “Vinde a mim” (Mt 11.28), “é essencial que os que vivem da graça respondam com gratidão.”⁴⁵

A posição bíblica é coerente: Deus sempre chama para dar bênção e para capacitar, para ser e compartilhar bênção. Não é um chamado de desfrutar de forma egoísta, mas ao privilégio de compartilhar, e no ato de compartilhar, o privilégio duplica, fica mais rico, mais evidente. Fazer parte do povo de Deus implica em privilégio e responsabilidade.⁴⁶

Desperdiça-se muito da riqueza de ser igreja ao considerar apenas os benefícios obtidos em participar dela. Muito além das bênçãos sobre as quais se testemunha, está a bênção

⁴³ WONDRAČEK, 2006, p. 26.

⁴⁴ BAUDRAZ, In: ALMENN, 2001, p. 215.

⁴⁵ CASTRO, E. Por uma igreja cheia de graça. In: ORTEGA, Ofélia (org.). **O desafio da ética às nossas eclesiologias**. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 14.

⁴⁶ CASTRO, In: ORTEGA, 2007, p. 14.

concedida por Deus que é a vocação do serviço, da solidariedade, dar testemunho de Jesus. Há uma perda significativa na compreensão da graça quando esta se limita a contemplar os benefícios que essa traz para si mesmo, desconsiderando que a sua autenticidade se dá em co-participação com o mundo que o cerca. Na vida comunitária descobre-se a vocação de ser útil, no exercício da evangelização e serviço ao próximo. “A graça é um chamado, um convite permanente, não uma posse.”⁴⁷

Tudo de bom que se recebeu é um convite à gratidão e ao compartilhar, não se tratando de prêmios nem castigos e sim de graça abundante, dádiva gratuita. Uma igreja que assume como ponto de partida o testemunho dos apóstolos, reconhecendo-se como enviada a compartilhar do amor de Cristo, pelo qual foi alcançada, não nega a sua razão de ser. A graça de Deus é, ou deve ser, o “fundamento, base e meta de todo o nosso ser eclesial: que assim seja.”⁴⁸

Responsabilizada pela ministração nesse tempo, carregado de suas peculiares demandas, cabe à igreja ser referência de prática permeada pela graça, instigando sua vivência, para a comunicação eficiente da mensagem da qual é portadora.

Entre achados e perdidos, um convite à festa que manifesta a graça. Festa promovida e patrocinada pelo próprio Deus. Os perdidos são convidados a entrar e comer a mesa com Jesus e os achados, igualmente pecadores. E uma vez que tendo sido achados, somos chamados a buscar os perdidos, estendendo-lhes o convite à graça do Pai.

REFERÊNCIAS

BAUDRAZ, F. Graça In: ALLMEN, J. J. V. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001.

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**. Barcelona: Clie, 2006.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 2.

STRINGER, J. H. Graça In: DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

HARRIS, L. R. Graça. In: HARRIS, Laird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: A. D. Santos, 2014. 232 p.

⁴⁷ CASTRO, 2007, p. 15.

⁴⁸ CASTRO, 2007, p. 20.

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996.

ORTEGA, Ofélia (org.). **O desafio da ética às nossas ecclesiologias**. Tradução de Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 118 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba, Esperança: 2005.

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. v.1.

WONDRACEK, Karin H. K. **Caminhos da graça**: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia. Viçosa: Ultimato, 2006.